



XVIII

*Simão, o mendigo*

Doente, pobre, velhinho,  
O desditoso Simão,  
Arrimado a seu bordão,  
Andava devagarinho...

Pés e mãos em chaga aberta,  
Lá ia o velho, coitado!  
Enfêrmo, desamparado  
E humilde na estrada incerta.

Cabelo todo branquinho,  
Rugosa a face morena,  
O pobre metia pena  
A vagar pelo caminho...

De onde viera? Ora, quem  
Buscava saber ao certo?  
Vinha de longe ou de perto?  
Ninguém sabia, ninguém.







Só lhe sabiam do nome,  
E que, em miséria, sem nada,  
Êle esmolava na estrada,  
A fim de matar a fome.

Estendendo seu chapéu,  
Pedia, cheio de dor:  
— Uma esmola, meu senhor,  
Por amor ao Pai do Céu!...

Mas, oh! Deus, que desalento  
Neste mundo de aflição!  
Ninguém ouvia Simão  
Nas horas do sofrimento.

— Passai de largo! é leproso!... —  
Diziam homens cruéis —  
— Oh! não vos aproximeis  
Dêste ancião perigoso!...

— Ah! que graça! Põe-te à brisa! —  
Exclamava outro passante —  
Nada de esmola ao tratante,  
Que êste velho não precisa!...

O mendigo, nos seus ais,  
Dizia: — Viva a saúde!  
Trabalhei enquanto pude,  
Agora, não posso mais...







Tôda a gente lhe fugia,  
Ninguém lhe dava uma sopa,  
Nem um trapinho de roupa  
Para a noite da agonia.

Muito tempo era passado,  
E o desditoso velhinho  
Sentia-se mais sòzinho,  
Mais doente, mais cansado....

Chegou, enfim, um momento  
Em que o velho sofredor  
Caiu de frio e de dor  
Na estrada do sofrimento.

Caiu e sonhou, contente,  
Embora a sede e o cansaço,  
Que Jesus vinha do Espaço  
Dizendo-lhe, docemente:

“— Escuta, meu bom Simão,  
Não temas, querido amigo!  
Sê forte! Eu estou contigo.  
Chegaste à ressurreição.

Não chores. Estou aqui!...  
Terminou tua aflição,  
Estás em meu coração!  
Pensavas que te esqueci?







Enquanto o mundo enganado  
Atormentava-te ao pêso  
De zombaria e desprezo,  
Eu sempre estive ao teu lado.

Teus prantos e tuas dores  
São, hoje, a luz que te veste  
No campo do amor celeste,  
Repleto de eternas flôres.”

E Jesus, em voz mais terna,  
Concluía: — “Vem, Simão,  
À doce consolação  
Do mundo de luz eterna!...”

E Simão, chorando e rindo,  
A seguir, ditoso, o Mestre,  
Esqueceu a dor terrestre,  
No céu venturoso e lindo.

O caminho era de estrêlas  
De tão sublime matiz  
Que o pobre ria, feliz,  
Sem saber como entendê-las.

No outro dia, ao reconfôrto  
Do Sol de coroa erguida,  
Acharam Simão sem vida...  
O mendigo estava morto.

